



VIDA E CONHECIMENTO NA PESQUISA COM MULHERES-MÃES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: COMPARTILHAR, CUIDAR-EDUCAR DOS BEBÊS COMO GESTO DE PEQUENAS GRANDEZAS

Life and knowledge in research with women—mothers and early childhood education teachers: sharing, caring for, and educating babies as gestures of small greatness

Nazareth SALUTTO

Faculdade de Educação
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

nazarethssalutto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8043-595X> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O artigo discute o compartilhamento da educação-cuidado dos bebês entre famílias e educação infantil, no contexto de uma pesquisa institucional, desenvolvida em uma universidade pública, que teve por objetivo compreender o compartilhamento do cuidar-educar dos bebês mulheres-mães e professoras de educação infantil. De caráter qualitativo, tendo como estratégias metodológicas a aplicação de questionário e a realização de entrevistas semiestruturada, os resultados apontam que compartilhar a educação implica escuta e diálogo de qualidade entre essas duas instituições responsáveis pela educação dos bebês. Tarefa marcada por tensões, aspectos intergeracionais, que necessitam envolver confiança e responsabilidade na qualificação da qualidade ao atendimento aos bebês. O diálogo teórico se dá com autoras como Rosenberg, Ingold, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Pesquisa. Mulheres-mães. Bebês. Professoras.

ABSTRACT

This article discusses the shared responsibility of infant education and care between families and early childhood education institutions, within the context of institutional research conducted at a public university. The research aimed to understand the shared care and education of infants by mothers and early childhood education teachers. Using a qualitative approach and employing questionnaires and semi-structured interviews as methodological strategies, the results indicate that sharing education implies listening and quality dialogue between these two institutions responsible for infant education. This task is marked by tensions and intergenerational aspects, requiring trust and responsibility to improve the quality of care provided to infants. The theoretical dialogue draws on authors such as Rosenberg and Ingold, among others.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Research. Women-mothers. Babies. Early Childhood Education Teachers.

INTRODUÇÃO

*Para restaurar o mundo à presença e permitir que a vida continue,
nós devemos descer do nosso ponto de vista defensivo,
deixar de lado as armas de combate e responder um ao outro
com espírito de responsabilidade e cuidado.*
Tim Ingold (2020, p. 115).

O presente texto apresenta reflexões em torno de uma pesquisa institucional desenvolvida em uma universidade pública, entre os anos de 2021 e 2024, que teve como objetivo investigar implicações, limitações e possibilidades acerca da educação compartilhada de bebês até os três anos a partir da perspectiva de mulheres-mães e de profissionais da Educação Infantil no contexto contemporâneo. Os dados da pesquisa foram construídos por meio estratégias metodológicas que envolveram: entrevistas individuais e coletivas, questionário semiestruturado com responsáveis de bebês de duas instituições públicas de educação infantil de uma rede educacional situada em um grande centro urbano, formulário e realização de entrevista com professoras e gestoras de instituições de educação infantil de diferentes redes de ensino.

A amplitude do material empírico mobilizou o mergulho em um referencial teórico que subsidiasse sua leitura crítica: compreender o processo histórico de constituição, disputas e apostas do conceito de famílias; os desafios colocados à formação da docência com bebês no campo da educação infantil; a complexidade que atravessa as relações quando se trata de educar-cuidar de modo conjunto, ou seja, compartilhando concepções, apostas e tensões no trânsito entre famílias e instituições de educação infantil.

O recorte aqui proposto apresenta reflexões acerca do olhar das famílias participantes sobre como compreendem o papel da escola ao compartilharem a educação-cuidado das crianças com a educação infantil. O referencial teórico metodológico entretetece os campos da Pedagogia da Infância, da Psicanálise e da Antropologia, apostando na diversidade teórica como estratégica ética de costurar vida, pesquisa e conhecimento. O texto foi organizado em quatro seções. A primeira apresenta o panorama da pesquisa; na sequência, tece reflexões acerca do entrelace político entre famílias e educação infantil. Em seguida discutimos a tarefa de compartilhar a educação como gesto de pequenas grandezas. Conclui com ponderações sobre a força política da educação infantil como promotora do sentimento de comunidade com as famílias.

PANORAMA DA PESQUISA – SOBRE LEVAR OS OUTROS A SÉRIO

*Longe de chegar atrasado a um mundo onde os dados já foram lançados,
é estar ali, presente e alerta,
no momento mesmo em que ele toma forma.
Nesse momento a experiência
e a imaginação se fundem e o mundo ganha vida.
(Ingold, 2019, p. 17).*

Para Tim Ingold antropologia só pode ser *aquela que leva os outros a sério*. Na teoria do antropólogo, essa premissa assume estatuto ontológico, uma vez que qualquer fazer *com o outro* é sempre *estar com o outro*, em oposição à ideia de dizer *sobre o outro*. A imersão na leitura e estudo da obra deste autor pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças-GERAR tem subsidiado teórica e metodologicamente as pesquisas desenvolvidas pelo grupo, visando constituir as ações das pesquisas sensibilizadas/o pelo movimento de ir ao encontro do outro, escutá-lo a partir do seu contexto, situação e lugar. No retorno do campo, a intenção é manter a mesma atitude da presença-presente, ou seja, o material construído segue vivo, reverbera e é assumido sempre como voz ativa daquelas/e com as/o quais convivemos em campo a atividade da pesquisa. Tal premissa não é inaugural no campo das Ciências Humanas de modo geral, nem no campo da Educação Infantil e dos Estudos da Infância em particular. Ainda assim, assumi-lo como premissa básica a partir da qual operar, no contexto de um grupo que se inaugura na pesquisa fomentada pela extensão e pelo ensino, tem se constituído como horizonte e exercício ético basilar. Mobilizada por essas questões, é que fomos ao encontro das pessoas participantes da pesquisa institucional intitulada Educação Infantil, Infância e Sociedade: educação compartilhada dos bebês e crianças sob perspectivas de famílias e de profissionais.

Após três anos de estudos e ações do grupo em atividades de ensino e extensão com ênfase em duas questões centrais, a saber: *quem são os bebês? O que significa o exercício docente com bebês?*, a escuta e o debate com professoras e graduandas/o fomentou o desejo de cotejarmos perspectivas sobre o cuidar-educar dos bebês entre as instituições famílias e educação, por meio de uma pesquisa que foi realizada entre os anos de 2021 e 2024, envolvendo mulheres-mães, professoras e demais profissionais em exercício da Educação Infantil. Antes de iniciarmos as ações da pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da referida universidade. Diante da sua aprovação, os instrumentos teórico-metodológicos envolveram revisão de literatura, questionário e entrevistas. Vivemos esse movimento no trânsito entre as ações on-line, devido ao contexto da pandemia da Covid-19, e paulatina reabertura das ações presenciais.

No primeiro grupo de entrevistadas, além das próprias pesquisadoras e bolsistas, compuseram o grupo onze mulheres-mães com idades entre vinte e dois e quarenta e cinco anos, com recortes socioeconômicos distintos. Algumas exerciam a maternidade de modo solo, outras contavam com companheiros. Com exceção de uma das participantes, todas as demais desenvolviam atividade profissional antes de tornarem-se mães. Ao longo das entrevistas, as mulheres-mães compartilharam suas histórias de vida e maternidade, revelando sonhos, projetos e desafios, especialmente relativos à ausência de rede de apoio. As falas das participantes revelaram as facetas que envolvem ser mulher e mãe numa sociedade que ainda patinha na luta pelos direitos das mulheres. Perspectiva que denuncia a desproporcionalidade de gênero.

É relevante apontar que a despeito das condições socioeconômicas em que se encontravam, as participantes mostraram-se cientes das suas necessidades e dos seus direitos, bem como dos desafios que enfrentavam para atendê-los. Um projeto-desejo manifestado durante as entrevistas ~~daquele~~ pelo grupo de mulheres era o de trabalhar. Por certo que a demanda era por necessidade, mas não apenas. Para o grupo, trabalhar tinha relação com desejo de reconhecimento para além da maternidade, perspectivas de vida no presente e no futuro, caracterizando o exercício profissional como dimensões do desenvolvimento de autonomia e de liberdade.

Perfil semelhante pode ser identificado no grupo professoras e demais profissionais da Educação Infantil participantes da pesquisa, que foi composta por dez professoras e uma gestora, de três redes de ensino, de instituições públicas (a maioria) e uma privada. As participantes desse recorte possuíam formação acadêmica, assim distribuída: três com pós-graduação, em nível de especialização concluída ou andamento; duas com mestrado (uma concluído, outra em andamento). Seis delas realizaram curso de extensão oferecido pelo grupo de pesquisa, com ênfase nos bebês e trabalho docente.

Os resultados da pesquisa foram estudados e discutidos ao longo de vários meses, à luz do referencial teórico adotado, mas também com abertura à bibliografia suscitada pela temática, reforçando que tema e método são gestos conjuntos que tece pesquisa, ético, cuidado e responsabilidade (Ribes, 2021). A materialidade que emergiu do processo de produção, estudo, análise e sistematização teórica vem sendo com a comunidade científica e, sobretudo, no retorno ao campo, ou seja, à escuta das pessoas participantes, assumida como ética e cuidado de uma escrita que se põe a escutar e a dizer.

Levar os outros a sério, no contexto da pesquisa em questão, foi constituinte do percurso, marcando o processo de modo tanto a conduzir, quanto a nos deixarmos ser conduzidas pelo encontro ético da pesquisa. Conduzir como verbo que, como aponta Ingold (2020, p. 61) envolve assumir escolhas, riscos, atitudes e, portanto, responsabilidade: “[...] você está em risco, até mesmo exposto. Mas, ao mesmo tempo, você participa como nunca antes, como todo som, todo lampejo de luz e todos os sentidos são ampliados em intensidade”.

No movimento da pesquisa éramos, somos, todas mulheres, de diversas idades, de territórios, trajetórias e experiências de vida distintas. Todas compartilhavam, com mais ou menos força, o impacto e reverberações das questões relacionadas a gênero e seus desdobramentos. Estar atenta, vivas, cientes e comprometidas com essa perspectiva, também nos formou a todas. Com fundamento nessas primeiras reflexões, discutimos alguns dos seus desdobramentos no tópico a seguir.

FAMÍLIAS E EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE POLÍTICA, LUTA E VIDA

O cuidado não implica apenas ouvir o que os outros têm a nos dizer, mas também responder apropriadamente.
Tim Ingold (2020, p. 49).

Cuidar-educar¹ das crianças, desde bebês, constitui-se como tarefa intergeracional marcada por condições de classe, raça, gênero, renda. No plano político-legal brasileiro o processo histórico de lutas, sobretudo das mulheres, instituiu como política pública o cuidar-educar das crianças, desde bebês², como dever da família e do Estado:

Art. 227. É dever da **família**, da **sociedade** e do **Estado assegurar** à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 2024, p. 200, grifo nosso).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2017), define, dentre outros destaques que: “**É direito dos pais³ ou responsáveis ter ciência** do processo pedagógico, **bem**

¹ Na pesquisa em questão, assumimos o uso da expressão cuidar-educar para nos referir ao gesto de compartilhamento dessa tarefa entre as instituições famílias e educação infantil.

² O termo *bebê* não consta nos documentos citados. A sua inclusão no contexto deste artigo, por meio da expressão *crianças, desde bebês*, configura-se como aposta ética, que coaduna com os estudos e pesquisas da área da educação infantil que têm incluído os bebês como categoria epistemológica de pesquisa.

³ No texto assumimos o termo *famílias* para nos referirmos ao grupo de primeiras/os responsáveis pelo acolhimento dos bebês desde que nascem, assumindo o plural para contemplar a diversidade dessa instituição, bem como tensionar as questões de gênero, tendo em vista que, no Brasil, 49,1% dos lares

como participar da definição das propostas educacionais (Brasil, 2017 p. 34-35, grifos nossos). As conquistas decorrentes das lutas de diferentes setores confirmaram as crianças nessa posição política, histórica e cultural no Brasil. Contudo, ter conquistado direito social e político, bem como a condição de cidadã perante a lei, não significa o seu usufruto, tampouco o reconhecimento legítimo dessa conquista para a vida das crianças, desde bebês, destes últimos, especialmente (Rosemberg, 1994, 2006).

Para as crianças, desde bebês, ter seus direitos assegurados passa pela conscientização dos adultos e da sociedade como promotores e mantenedores dessa dimensão política da vida, tendo em vista que não cabe às crianças assumirem essa luta, mas dela participar a partir de sua situação, condição e lugar. O que nos leva ao tema do compartilhamento do cuidar-educar *com* e *entre* instituições responsáveis por esse gesto.

Compreendemos famílias e Educação infantil como instituições, cujas funções e papéis são marcados por distinções que refletem e refratam apostas, disputas, concepções, história e política. Nessa acepção, entendemos que o gesto de cuidar-educar estará sempre atravessado por conflitos que envolvem expectativas, demandas, delineamento ético e objetivo do que significa compartilhar, que no centro de sua ação envolve diálogo e presença. Concordamos com Monção (2013) que o sucesso desse gesto consiste em reconhecer as crianças, desde bebês, como pessoas capazes, dignas de direito, de reconhecimento, que necessitam da cumplicidade dos adultos para o pleno exercício do seu processo de desenvolvimento e formação humana. Tarefa complexa para uma sociedade adultocentrada.

Acresce-se a este cenário as questões de gênero que reverberam na feitura desse gesto. No Brasil, são as mulheres, ainda, as maiores responsáveis pelo provimento físico, muitas vezes também material, dos cuidados com os filhas/o. Em contrapartida, a docência na Educação Infantil é realizada em sua maioria também por mulheres. Ocorre que, marcadas pelas especificidades das funções e papéis exercidos (ser mulher, ser mãe, ser professora) muitas vezes as questões de gênero podem ficar subsumidas pela estrutura institucional, acentuando as tensões do compartilhamento da educação, transformando-o em disputa e não gesto ético. Questões que coadunam com aspectos discutidos com as participantes da pesquisa. Por um lado, há interesse, demanda e

são chefiados por mulheres. Fonte: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/censo-2022-em-12-anos-proporcao-de-mulheres-responsaveis-por-domicilios-avanca-e-se-equipara-a-de-homens>. Acesso em: abril de 2025.

necessidade pelo compartilhamento, estabelecido por diferentes causas e motivos. Por outro, os projetos e perspectivas advindos das instituições podem impedir ou impulsionar o diálogo e as tensões.

Eu fico nesse dilema, e eu acho que é uma linha muito sutil que a gente tem que ter muito cuidado no lidar também com a escola, e a escola com a gente. Por que onde começa e onde termina o meu papel de educadora [como mãe] e o da escola também? Como que a gente faz esses acordos? [...] Então, para mim, ainda é o dilema. Qual é o papel da escola e qual é o meu papel? (J⁴. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).

J. reflete sobre um panorama relevante, cujas nuances precisam ser lançadas à luz das relações entre famílias e Educação Infantil. A linha sutil do encontro das instituições pode ser fiada na compreensão de que, o que se compartilha, é a vida das crianças, desde bebês. Salvaguardando as suas especificidades, no centro do gesto estão aquelas/e que inauguram o cenários das novas gerações. Para Monção (2013), o encontro entre essas instituições deve assumir o compromisso com as crianças, considerando sua posição sociopolítica de quem alcançou direitos, incluindo a qualidade relacional como paradigma do atendimento educacional. Contudo, reconhecer tal premissa não significa a exclusão das tensões advindas dos dilemas que o gesto de compartilhar tensiona. Para a autora Monção, 2013, p. 20, grifos nossos):

A tensão presente na relação entre as famílias e as professoras ainda ocupa um lugar privilegiado em muitas unidades. As queixas relacionadas às famílias, expressas pelos gestores, revelam a **inexistência de ações coletivas para enfrentamento dessa questão, sendo encaminhadas medidas paliativas para a solução de problemas estruturais e de concepção**, na maioria das vezes a partir de estratégias isoladas, sem envolver qualquer proposta de democratização da gestão. A baixa participação cotidiana das famílias nas instituições ainda é um fato bastante presente, seja por motivos objetivos, como horário de trabalho, seja pela ausência de reflexão a respeito do real significado da importância de compartilhar a educação da criança.

J. aponta para os dilemas, enquanto Monção (2013), sinaliza que o encaminhamento ético para o compartilhamento se torna mais promissor se discutido e deliberado por meio de ações coletivas. Considerações que convocam a refletir sobre o sentido de coletivo, comunidade, público que se compreende, ou não, como tarefa implicada no gesto de cuidar-educar das crianças.

Para Ingold (2020) a educação trata de prolongar e continuar a vida por meio do compartilhamento das experiências constituídas em atenção conjunta. O autor estabelece essa premissa a partir da crítica aos referenciais antropológicos que, em

⁴ A escolha sobre o processo de identificação das participantes da pesquisa foi negociada em conjunto. Embora a inicial dos nomes não seja a melhor opção ética para nomear as pessoas, foi o modo consensual entre não escrever o nome completo das participantes, mas também não lhes atribuir nomes fictícios.

diálogo com fontes da biologia e da psicologia cognitivista, constituem uma posição positivista da noção de *outro* – os nativos, os incultos, os pré-culturais –, fundantes de paradigmas cartesianos de conhecimento e de cultura, sobretudo no que insinuam como transmissão de uma cultura mais letrada e evoluída para outra, compreendida como inferior ou inculta. Segundo Ingold (2020, p. 18) “[...] a transmissão fecha a vida para baixo, limitando-a à replicação de rotinas já existentes. Na melhor das hipóteses, é uma modalidade de treinamento, não de educação”. Ao refutar abordagens sob esse enfoque, Ingold assume o diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento como a arte, a filosofia e a educação para formular uma perspectiva antropológica e educacional em que os modos de viver humanos e não humanos são concebidos como linhas entrecruzadas na experiência de construir vida.

É com base nessa visada que, ao assumir o *estar junto* como gesto de conduzir a vida, para que esta se alongue por meio das gerações, que o autor contribui no entendimento da do exercício de que educar é atentar para o mundo conjuntamente. Nesse sentido, assumir as tensões envoltas no compartilhamento, pode fomentar abertura para o encontro e o para o diálogo honesto, considerando que o foco da atenção conjunta das instituições está em fazer do compartilhamento da educação das crianças, desde bebês, gesto ético e responsável. Os conflitos, desse modo, não são ignorados ou endereçados em discursos acusatórios ou pouco objetivos, mas assumidos como manifestações das relações humanas e das disputas provocadas pela distinção das funções e papéis exercidos. Nossa compreensão é de que, ao enfrentá-los com transparência e compromisso com as crianças, abre-se a possibilidade de ampliação para a responsabilidade conjunta desse gesto.

Tendo em vista essas considerações, indagamos: como tem se dado o diálogo entre as famílias e as instituições de educação infantil sobre o compartilhamento do cuidar-educar das crianças, desde bebês? Que perguntas orientam essa tarefa? Quais estratégias são levantadas para discutir as expectativas, as tensões, as apostas, os medos implicados nesse gesto? O que os adultos conhecem e têm a dizer sobre as crianças, desde bebês? Como as envolve no processo de compartilhar seu cuidar-educar?

*[...] devemos observar, ouvir e responder.
Isto é o que significa cuidar.
Tim Ingold (2020, p. 48).*

Somos inscritos e nos inscrevemos no mundo pelo gesto do compartilhamento: os manejos⁵ dos inícios oportunizam a sobrevivência material do corpo, mas também subsidiam os processos de constituição da subjetividade. No cuidar dos bebês compartilham-se experiências, tradição, escuta, silêncio, escolhas. E nesse tecido o mundo se torna real para o bebê, porque, os gestos do manejo, “ao longo de muitas repetições, ajudam a assentar os fundamentos da capacidade que o bebê tem de sentir-se real. Com essa capacidade, o bebê é capaz de enfrentar o mundo [...]” (Winnicott, 2012, p. 5).

Compreendemos o gesto de compartilhar a partir de três princípios: intenção (de ir ao encontro), atencionalidade (atender ao outro) e ação (manejo, desempenhar ações em prol de). Compartilhar, assim, entretence tanto tarefas minúsculas e ordinárias do cotidiano, como a dimensão macro da política, seus reflexos e refrações. Quem não pode compartilhar tem a vida afetada pela ausência dessa prática humana e social. E, assim sendo, tem afetados, e/ou impedidos, o usufruto do seu direito social e político de cidadania. Compartilhar, portanto, envolve reconhecer o sujeito da ação e a construção de estratégias que efetivem o gesto.

Quando perguntadas sobre como percebem, ou, o que esperam da troca com as instituições de educação infantil, as mulheres-mães participantes da pesquisa destacam:

Ela [a criança] se depara com coisas diferentes na vida. Quando ela está só dentro de casa, acaba que todo mundo pensa igual. [...] Mas quando vai para o mundo, ela vê que existem outras pessoas e ninguém pensa igual [...]. É uma troca. Eles trocam com a gente, a gente troca com eles. Eles trazem da escola projetos que eles estão fazendo na escola e isso muda os hábitos também dentro de casa. (C. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).

A criança desenvolve a individualidade quando ela vai para a escola. Ela entende que ela é ela, e que as outras pessoas são as outras pessoas. Quando ela está dentro de casa todo mundo é uma unidade, porque está todo mundo ali junto. (C. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).

Colocar na escola, nesse contexto de falta de rede, é colocar o outro. “Ah, minha mãe pensa assim, mas a professora não”. (D. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).

⁵ O *manejo*, segundo explica Abram (2000) é compreendido com um ambiente de *holding*: com bastante frequência, Winnicott faz referência ao **holding** como uma espécie de manejo – em especial ao dirigir-se aos profissionais que no cotidiano lidam com pessoas que não podem tomar conta de si mesmas. Manejo foi também o termo utilizado em relação ao cuidado dispensado a determinados pacientes no setting psiquiátrico (Abram, 2000, p. 139. Destaques da autora).

O papel do outro relaciona-se à ausência de rede de apoio: não fosse essa assim, seria uma opção das famílias compartilhar o cuidar-educar das/os suas/seus filhas/os com a escola? Historicamente, essas duas instituições emergem como pilares principais do cuidar-educar das crianças, desde bebês (Rosemberg, 1994). D. tem razão ao denunciar a falta de rede de apoio e a escola como uma solução para o encontro com o outro, fazendo da Educação Infantil direito – conquistada pelas crianças, desde bebês – mas, também, necessidade, humanidade, possibilidade de relações que ampliem o olhar para o mundo, para as interações, para a construção da subjetividade das crianças. Compartilhar, portanto, entretece necessidade, demanda, mas também o direito humano à alteridade, porque se trata de se relacionar, viver com e junto, construir a vida, porque “a continuidade do processo da vida, portanto, não é individual, mas social” (Ingold, 2020, p. 17).

A grandeza do gesto, portanto, está tanto em reconhecer a demanda pelo atendimento, mas igualmente o direito inalienável à presença de outras vozes e olhares que confirmem nossa humanidade pela alteridade de sua presença. Não ignoramos aqui o fato de que nem toda e qualquer presença se constituiu a partir desse paradigma. Há situações de profunda violência simbólica, psicológica e mesmo física, denunciadas em diferentes meios de comunicação e pesquisas, que não devem ser ignorados, mas assumidos como denúncia de tais práticas. Contudo, ao assumir um referencial que privilegia o encontro, assumimos a aposta em perspectivas que sensibilizem para possibilidades de interações mais salutares entre adultos e crianças. Sendo assim, compreender que receber as crianças, desde bebês, na escola de Educação Infantil, significa igualmente receber suas famílias, demandas, histórias, dilemas, contextos e lugares. Logo, para que compartilhar seja um gesto ético, assumir o diálogo como premissa é necessário.

Eu acho que não existe coisa que é coisa da escola, e coisa que é coisa da mãe, ou da casa. Eu acho que é a coisa da criança, e que os dois tem que pensar juntos, e a gente tem que trabalhar juntos pensando na construção de ser humano, de cidadão (M. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).

M. reforça a perspectiva de que compartilhar a educação é tarefa conjunta, apontando para a indissociabilidade entre famílias, escola, sociedade e vida. Tal perspectiva reafirma o ato de educar como gesto humano, responsável e comprometido, entretido com e entre gerações. Como se recebe as famílias nas suas primeiras experiências de compartilhamento do cuidar-educar das crianças? Como se negocia os

papéis e funções das instituições para a tônica do trabalho cotidiano? Como são discutidos os olhares e narrativas das/sobre as crianças, desde bebês, nos seus processos de inserção no círculo amplo da escola? O que as famílias apresentam as crianças? Como a escola se insere nessa paisagem relacional de modo a ampliar os horizontes das famílias em relação às suas crianças? quais estratégias a escola de Educação Infantil adota para apoiar sem invadir?

[...] a gente [as famílias] cria vidros em cima dessa criança. E eu quero que a escola vá quebrando devagarzinho esse vidro, porque a vida é um grande mar. Tem que aprender a nadar. Só que a gente não vai jogar a criança no mar. Então eu não quero que a escola pegue e traga essa água da vida de uma maneira brusca. [...]o que eu espero da escola é esse acolhimento, uma diferença, mas que essa diferença vá quebrando o vidro, então vai entrando um pouquinho de água, vai entrando mais um pouquinho... **(D. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).**

D. apresenta uma bonita metáfora para a inserção das crianças, desde bebês, nesse círculo que amplia o mundo para além da instituição familiar. A imagem da água que, ao entrar aos poucos, sem quebrar os vidros, hidrata as relações, convergindo e alargando a experiência da convivência relacional, revelando um horizonte promissor e digno para adultos e crianças na aposta intergeracional. Se, como aponta Ingold (2020), educação trata do prolongamento e continuidade da vida, ao compartilharem a vida e a formação humana das crianças, desde bebês, famílias e escolas se alternam e se somam nas decisões, orientações, escolhas, diálogos em torno dessa tarefa:

[...] para que compartilhar seja educativo, eu tenho que fazer um esforço imaginativo para lançar minha experiência de maneiras que ela possa se juntar à sua, para que possamos – em certo sentido – percorrer os mesmos caminhos e, ao fazê-lo, criar sentido juntos (Ingold, 2020, p. 19).

Soma-se às perspectivas acima apresentadas, os dilemas colocados pelas professoras⁶ entrevistadas na pesquisa, muitas delas, questionando o que é ser professora da Educação Infantil, especialmente no recorte de atendimento à creche. Não é o objetivo deste artigo tratar do histórico de luta das professoras e demais profissionais dessa etapa da educação básica, mas também não é possível ignorá-la, uma vez que as falas, compreensões e sentidos são atravessados por essas nuances. Professoras, muitas delas, também são mulheres-mães. Algumas vezes, enfrentam em seus contextos de vida desafios semelhantes aos narrados pelas mulheres-mães entrevistadas. Sem universalizar tais discursos, muitas vezes se observa alguma dureza

⁶ Optamos por manter a função professora no feminino, considerando o próprio grupo de entrevistadas, bem como o histórico da própria área que aponta para a premência do gênero feminino na etapa da Educação Infantil.

e rigidez no olhar para os contextos familiares das crianças, desde bebês, quando adentram a escola de Educação Infantil. Muitas das vezes, cenários de vulnerabilidade experimentados até mesmo pelas mulheres que ocupam as funções de docência, gestão ou outra função nas escolas.

Ao participar de contextos de formação em serviço, é possível identificarmos relatos sobre o incômodo com a presença dos familiares, nos espaços de referência da escola, no período da inserção, que pode se estender por semanas e até mesmo meses. Há em alguns momentos rigidez no olhar para o cotidiano e a diversidade das famílias que, por sua vez, afeta os modos de se expressar das próprias crianças. O que buscamos chamar atenção ao fazer essa reflexão é que, em alguma medida, a função institucional (ser professora) se sobrepõe, ou mesmo exclui, as diferentes camadas de sobrecarga, ausências, dilemas advindos de uma sociedade ainda muito insensível às mulheres e suas crianças. Em que medida tal distanciamento afeta o compartilhar? Onde estará a criança, e aquilo que importa ao seu bem-viver, quando as/o adultas/o não discutem sobre seus dilemas em direção às tarefas conjuntas e complementares de ambas as instituições? Mas há também quem aposte no diálogo com as famílias como forma de aprender sobre como trabalhar com os bebês na escola. Vejamos.

Foi um desafio nesse momento em que eu estive lá [na creche, quando do primeiro concurso público, no qual foi aprovada para a função de auxiliar, em uma rede pública de ensino]. Nesses dez, doze anos em que eu estou na Educação Infantil, eu percebo que, principalmente nessa faixa etária [zero a três anos], é preciso ter uma relação muito de confiança. Quando a família já chega com um "pé atrás", desconfiando do nosso trabalho ou achando que a gente é babá, somente babá das crianças, desvalorizando nosso trabalho também... Fica muito complicado. Então, eu acho que precisa ter essa questão da família com a escola. A confiança e a valorização do nosso trabalho, entendendo que estamos ali para cuidar e para educar, de forma pedagógica, atenta [sic]. **(D. Mulher-mãe participante da pesquisa. Entrevista coletiva. 02.06.2023).**

A fala de D. converge aspectos da luta, da história e da política da Educação Infantil no Brasil. Revela, também, a tensão frente ao que pode se caracterizar como ausência de reconhecimento da dimensão do trabalho docente com os bebês, que não é um trabalho de *babá*⁷, mas de uma professora que cuida e educa de forma atenta.

⁷ Conforme sinalizado, não é objetivo deste texto discutir a complexidade envolvida no lastro histórico que nomeia, em muitos municípios brasileiros, o exercício da função docente por nomes tais como babás, recreadoras, estimuladoras precoces, pagens, dentre outros. Coutinho, Côco e Alves apontam que: "A análise dos dados do Censo Escolar identificou 162,2 mil auxiliares na creche e 45,9 mil na pré-escola em 2019 (crescimento de 66,5% em relação a 2008), um percentual de 34% entre as profissionais de creche e 13% de pré-escola" (p. 131), apontando para o crescimento dessa nuance de atendimento na Educação Infantil, pelos municípios, contrariando a legislação brasileira e provocando um cenário preocupante no que diz respeito à condição docente na primeira etapa da educação básica.

Reivindica o reconhecimento da especificidade da sua função, mas como consequência da confiança estabelecida. Mas, como se constrói a confiança mútua?

Com base na perspectiva apontada por Ingold — de que conduzir a vida como ação conjunta exige também um esforço imaginativo das pessoas envolvidas, direcionadas umas às outras —, aposta-se na proposição de que o diálogo possa se constituir em confiança mútua. O 'pé atrás', muitas vezes construído como preconceito ou ressalva sobre a vida escolar, necessita ser assumido como ação pedagógica pela escola. Discutir aspectos do cotidiano e não omitir os desafios implícitos no início das vivências escolares, especialmente para as crianças que vivem essas experiências pela primeira vez, afirma-se como um gesto ético que estabelece o laço da confiança.

[...] para cuidar dos outros, então, devemos permiti-los estar em nossa presença para que, assim, possamos estar presente para eles. Em um sentido importante, devemos deixá-los ser, para que possam falar conosco. [...] Observar, ouvir e responder. Isto é o que significa cuidar (Ingold, 2020, p. 48).

As falas aqui expressas sugerem que as pequenas grandezas do gesto de compartilhar se constituem no ordinário da vida: receber quem chega, assumir a transparência frente os desafios da partilha, assumir a escola como território de extensão do bem-viver das crianças, desde bebês, justamente por reconhecer o exercício conjunto do processo de conduzir a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve por objetivo discutir o gesto de compartilhar a educação das crianças, desde bebês, entre famílias e educação infantil, por meio da participação de mulheres-mães e professoras de educação infantil numa pesquisa institucional. Com base nessas reflexões, compreendemos que delinear, compreender e apostar que cuidar-educar das crianças, desde bebês, diz respeito a um gesto de compartilhamento e não de complementação. De um lado, as análises apontam que o fenômeno atual da educação compartilhada reflete antigos e persistentes desafios históricos em torno de questões como classe, raça e gênero. São as mulheres, ainda, as principais responsáveis pela educação-cuidado e, em muitos casos, provisão material dos bebês. Soma-se a essas condições, a ausência de redes de apoio, espaços de encontros, partilha e escuta sobre as exigências do cuidar-educar. No caso da referida pesquisa, um dos modos de enfrentar tais desafios revelou-se ser o acesso à educação infantil.

Tarefa de pequenas grandezas, compartilhar a educação implica escuta e diálogo de qualidade entre ambas as instituições. Diz respeito aos aspectos intergeracionais do processo de *conduzir e continuar a vida*, envolvendo estratégias de convívio que constituam laços de confiança, por meio da compreensão das distinções das funções e papéis das instituições família e educação infantil, mas também de sua responsabilidade conjunta pelo cuidado-educação de qualidade das crianças, desde bebês, como política do bem-viver.

REFERÊNCIAS

ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**. Dicionário das Palavras e Expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [recurso eletrônico] —Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2024. ebook (284 p.)

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

COUTINHO, Ângela Scalabrim; CÔCO, Valdete; ALVES, Thiago. As auxiliares na composição funcional da docência na Educação Infantil nas redes municipais de ensino. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 43, n. 119, p. 130-143, jan./abr., 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/P56J3RCsvKdfHZqR3sLn5Vs/>. Acesso em: 16 fev. 2026.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve? Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. **Antropologia/como Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MONÇÃO, Maria A. Guedes. **Gestão democrática na educação infantil**: o compartilhamento da educação da criança pequena. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RIBES, Rita. A Metodologia Mora no Tema: infância e cultura em pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e106860, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236106860>. Acesso em: 19 fev. 2026.

ROSEMBERG, Fúlvia. Crianças pobres e famílias em risco: as armadilhas de um discurso. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, v. 4. n. 1, 1994.

ROSEMBERG, Fúlvia. Criança pequena e desigualdade social no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

WINNICOTT, Donald. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

VIDA E CONHECIMENTO NA PESQUISA COM MULHERES-MÃES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: COMPARTILHAR, CUIDAR-EDUCAR DOS BEBÊS COMO GESTO DE PEQUENAS GRANDEZAS

Life and knowledge in research with women—mothers and early childhood education teachers: sharing, caring for, and educating babies as gestures of small greatness

Nazareth Salutto

Doutora em Educação Brasileira
Universidade Federal Fluminense
Faculdade de Educação.

Departamento Educação, Sociedade e Conhecimento
Niterói, Brasil

nazarethssalutto@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8043-595X>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Belisário Távora, 221, apt. 203. CEP.: 22.245-070. Laranjeiras. Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres participantes da pesquisa discutida neste artigo, bem como ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças pelo trabalho conjunto e comprometido na realização da pesquisa e seus desdobramentos.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: N. Salutto

Coleta de dados: N. Salutto

Análise de dados: N. Salutto

Discussão dos resultados: N. Salutto

Revisão e aprovação: N. Salutto

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

A pesquisa contou com financiamento próprio e fomento do CNPq para bolsa de Iniciação Científica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa discutida neste artigo foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal Fluminense, parecer número 6.071.906.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 28-02-2026 – Aprovado em: 05-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026